

A ARTE DA TRANSGRESSÃO: O EDITOR CAIO GRACO PRADO E AS COLEÇÕES DA BRASILIENSE

The art of transgression: editor Caio Graco Prado and the Brasiliense's Collections

El arte de la transgresión: el editor Caio Graco Prado y las colecciones de la Brasiliense

Resumo: Este trabalho apresenta uma breve análise do papel de Caio Graco Prado à frente da Brasiliense a partir dos anos 1960 através de um levantamento bibliográfico. Um editor ousado que transformou a editora apostando em coleções destinadas ao público jovem. Dois projetos se destacam: a coleção *Primeiros Passos*, que abordava temas diversos com linguagem acessível, e o boletim *Primeiro Toque*, periódico que proporcionou o diálogo direto entre a casa editorial e seus leitores. Por meio de estratégias editoriais e de divulgação, Caio Graco transformou o cenário editorial ao fornecer aos jovens ferramentas para reinterpretação da história brasileira e estimular a formação literária com obras transgressoras e engajadas.

Palavras-chaves: Editora Brasiliense. Juventude. Coleções.

Abstract: This work presents a analysis of the role played by Caio Graco Prado in charge of the Brasiliense from the 1960s onwards through a bibliographic survey about the publisher. A daring editor who transformed the publisher betting on collections aimed at young audiences. Two projects stand out: the *Primeiros Passos* (First Steps) collection, which addressed different topics in an accessible language, and the *Primeiro Toque* (First Touch) newsletter, which provided direct dialogue between the publishing house and its readers. Through editorial and

dissemination strategies, Caio Graco transformed the scenario by providing young people with tools for reinterpreting Brazilian history and encouraging literary education.

Key-words: Editora Brasiliense. Youth. Collections.

Resumen: Este trabajo presenta un breve análisis del papel de Caio Graco Prado al frente de la Brasiliense a partir de los años 60 a través de una encuesta bibliográfica sobre la editorial. Un editor atrevido que transformó la editorial apostando por colecciones dirigidas al público joven. Destacan dos proyectos, la colección *Primeiros Passos* (Primeros pasos), que abordó diferentes temas con un lenguaje accesible, y el boletín *Primeiro Toque* (Primeiro Toque), que ofreció un diálogo directo entre la editorial y sus lectores. Caio Graco, a través de estrategias editoriales y de difusión, transformó el escenario editorial al brindarles a los jóvenes herramientas para reinterpretar la historia brasileña y así, con obras transgressoras y comprometidas.

Palabras-clave: Editorial Brasiliense. Juventud. Colecciones.

1. INTRODUÇÃO

Fundada em 1943, a Brasiliense atuou como uma das editoras mais proeminentes do Brasil em duas fases distintas, ambas em

Ana Carolina Ramos Slade¹,
anacslade@gmail.com

¹Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Isabel Siqueira Travancas²
isabeltravancas@gmail.com

²Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

consonância com as transições históricas do país. A linha editorial notadamente de esquerda começou com a publicação da revista *Hoje - o mundo em letra de forma*, com artigos que se posicionavam de maneira crítica em relação à ditadura do Estado Novo (1937-1945). O catálogo eclético mesclava obras de ciências sociais, clássicos da literatura e célebres coleções como *Jovens do Mundo Todo* e *Contos Jovens*, exceções na época, que abarcavam o trabalho de jovens ficcionistas brasileiros (HALLEWELL, 2005). Era um projeto editorial inerente à personalidade e atuação do editor Caio Prado Júnior, historiador e ativista político autor de obras seminais para a interpretação da realidade nacional, como *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942).

Eleito deputado estadual pelo Partido Comunista do Brasil, Caio Prado Júnior tornou-se alvo da ditadura militar e gradativamente foi se afastando da editora enquanto seu filho, Caio Graco Prado, passou a ocupar diversos postos-chave. Nessa segunda fase, o projeto editorial liderado pelo filho é marcado por continuidades e singularidades. Desde sua fundação, a editora de caráter notadamente progressista busca, por meio da atuação de seus editores, promover debates que objetivam a elaboração de novas consciências a respeito da realidade nacional, propondo readequações ao pensamento de esquerda que possam incidir na realidade brasileira. Essa agitação cultural ocorre por meio dos títulos selecionados, da atuação pessoal de seus editores e também ganha corpo nas comunidades formadas em torno da tradição da casa em editar suas próprias revistas, jornais e boletins.

Para entender como a atividade editorial é capaz de revelar os vestígios da circulação de ideias e de interferir na realidade social em determinado contexto histórico, adotamos o paradigma proposto por Robert Darnton (1990).

Para ele, o ciclo de vida do livro passa do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor e ao vendedor até chegar ao leitor. O leitor ao mesmo tempo que encerra o ciclo também o reinicia, já que ele influencia todo o processo tanto antes quanto depois da composição da obra. Os próprios autores também são leitores, e é por meio da fruição e da associação com outros escritores que formam suas concepções de gênero e estilo. Editores também são leitores, e as obras se dirigem a leitores explícitos, dialogam ou respondem a outras obras e a seus críticos. Dessa forma, há um circuito completo de transmissão de mensagens, transformadas durante o percurso que passa do pensamento ao texto, retorna ao pensamento e assim segue continuamente (DARNTON, 1990, p. 125-126).

Chegando aos leitores, que finalizam e reiniciam cada ciclo, o estudo das práticas de leitura deve ser compreendido como uma relação dialética entre imposição e apropriação, fruto das relações entre os agentes editoriais - que por meio de estratégias de fixação de texto imprimem marcas visíveis no objeto-livro, que transparecem interesses, objetivos e protocolos de leitura definidos de acordo com os públicos almejados - e as circunstâncias socioculturais em que a leitura é efetivada (CHARTIER, 1999). Sob essa perspectiva, a produção editorial é analisada como atividade de construção de sentido inserida em um sistema particular de comunicação, e não como um "cânon de textos" (DARNTON, 1990, p. 145).

Os autores escrevem textos que se tornam objetos materiais e que ganham sentidos por meio do processo produtivo do livro, já que não há compreensão independente do suporte em que o conteúdo está inserido (CHARTIER, 1999, p. 16-19). Se os autores escrevem textos que são transformados em livros a partir de um

complexo processo industrial, entendemos a atuação dos editores como figuras capazes de contribuir como um mediador das ideias em circulação no mundo social.

Neste artigo, iremos nos deter à atuação do editor Caio Graco Prado, que transformou o mercado editorial brasileiro visando os jovens, nicho até então pouco explorado. A partir de 1965, o editor organizou a produção da casa em coleções inicialmente não ficcionais e depois também ficcionais e poéticas. Por meio das coleções, entendidas como um grupo de títulos ligados entre si por um conjunto de regras editoriais que compreendem, por exemplo, formato, capa, linguagem e um conjunto hegemônico de textos (Dicionário do Livro, 2008: p.175), Caio Graco constituiu uma biblioteca libertária, repleta de *beats*, poetas marginais e heróis revolucionários (REIMÃO, 2010).

2. AS COLEÇÕES E BOLETIM PRIMEIRO TOQUE

A primeira iniciativa e símbolo principal do projeto foi a *Primeiros Passos*, coleção que impulsionou um fenômeno de livros de iniciação no Brasil. Lançada em 1980, ambicionava “ensinar a pensar” e tinha o objetivo de propor leituras “rápidas e interessantes” que pudessem contribuir com a reflexão e participação no mundo social de seus leitores (ROLLEMBERG, 2005, p. 91). Formada por livros com capas ilustradas e projetadas para funcionar como um outdoor nas livrarias (GALÚCIO, 2009), reuniu 150 títulos, publicados em brochura, formato de bolso (11,5 cm x 16 cm) e vendidos a preços mais baratos.

A ideia para a *Primeiros Passos* surgiu em uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC, em 1972, em Fortaleza, quando Caio Graco observou a vontade dos estudantes de participar dos debates e a

falta de conhecimentos básicos de que dispunham para fazê-lo. Com o slogan “Os primeiros passos nós indicamos - o caminho é seu”, foi inaugurada com o provocativo *O que é socialismo*, de Arnaldo Spindel, e teve como grande sucesso *O que é ideologia*, de Marilena Chauí - com 200 mil exemplares vendidos em apenas três anos (ROLLEMBERG, 2008, p. 3). Em 12 anos, reuniu 260 títulos e vendeu 6 milhões de exemplares (HALLEWELL, 1985, p. 556).

Para munir esse batalhão jovem, além dos livros introdutórios, a Brasiliense apostou num inventário de relatos transgressores. Com a coleção “Encanto Radical”, reuniu 132 biografias, publicadas em formato de bolso. Sob o lema “gente maravilhosa e suas ideias voadoras”, promoveu ícones de universos diversos sob um mesmo selo: de Sade a São Francisco de Assis, de Clarice Lispector a Che Guevara, de Mozart a Leila Diniz.

E se esforçou para criar um grande personagem rebelde: o próprio Brasil. Com a *Tudo é História*, coleção criada em 1981 e que conta com 86 títulos, explorou desde a história clássica e medieval até os episódios de revoltas nacionais como *A Insurreição Pernambucana de 1817* (Glácyara L. Leite), *Cabanagem: o povo no poder* (Julio José Chiavenato) e *Contra a chibata: a revolta dos marinheiros* em 1910 (Marcos A. da Silva).

O diálogo entre atores e tempos históricos tão distintos é tema do artigo *James Dean nas barricadas*, assinado por Carlos Alberto Pereira e publicado no nº 7 do *Primeiro Toque* - boletim enviado gratuitamente, via mala-direta, aos leitores da casa, que atingiu a tiragem de 170 mil exemplares. No texto, o sociólogo propõe a aproximação entre o “alienado” início da década de 1950 e o “engajado” final dos anos 1960. Para ele, no espaço entre essas duas décadas, o rock explodiu, a geração *beat*

floresceu, os hippies e o psicodelismo apontaram novos caminhos, guerras e revoluções eclodiram. No entanto, as forças de mudança provêm da mesma fonte: a juventude.

Tanto num momento quanto no outro o que se destaca é a presença da juventude enquanto expressão de descontentamento e/ou força de contestação social, apareça isso mais claramente definido em termos de um projeto de transformação ou não. É a rebeldia juvenil que, na aliança com outras forças emergentes, vem desde o pós-guerra americano e europeu marcando seu lugar e fazendo do comportamento e do cotidiano os espaços privilegiados de uma luta política que, aos poucos, ganhou as cores de uma grande utopia revolucionária. (PRIMEIRO TOQUE, nº 7, 1983, p. 8).

Sinônimo absoluto de transgressão, a ideia de juventude da Brasiliense não se limita a barreiras etárias. Trata-se de um estado de espírito, baseado em atitudes e comportamentos inconformistas, contestatórios e libertários. Ao apresentar *Folhas das Folhas na Relva*, livro de Walt Whitman traduzido por ele, Leminski provoca: "Você conhece alguém mais jovem do que esse senhor?" (PRIMEIRO TOQUE, nº 5, 1983, p. 5). A obra de Whitman chegou aos leitores pela *Circo de Letras*, coleção criada em 1983 e que reuniu 62 livros ficcionais de autores de vanguarda, como os *beats* Jack Kerouac, Charles Bukowski e John Fante; os clássicos de Franz Kafka e Joseph Conrad e as narrativas inovadoras de Alfred Jarry, André Breton e Pier Paolo Pasolini.

Para além do constante diálogo com passado, a Brasiliense criou, ou foi a responsável por levar a públicos mais amplos, diversos jovens autores. Sob o slogan de "Literatura sem frescura", a coleção *Cantadas Literárias* propôs dar voz a essa nova geração. Iniciada em 1981, reuniu

49 títulos, como *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu, e apresentou aos novos leitores os expoentes da geração de poetas da década de 1970. Chamada de "Geração Mimeógrafo", poetas como Francisco Alvim, Ana Cristina Cesar, Chacal, Leminski, Alice Ruiz, Waly Salomão e Ledusha ganhariam dessa forma, na década de 1980, um público bem mais amplo para a sua produção até então *underground* (ROLLEMBERG, 2005, p. 97).

Heloisa Buarque de Hollanda define a poesia marginal como um acontecimento cultural que, entre os anos de 1972 e 1973, desafiou o "vazio", a censura e o medo que dominavam o país. Uma produção literária que, de maneira aparentemente despreziosa ou superficial, colocava em evidência o *ethos* da geração traumatizada pelo cerceamento perpetrado pela ditadura militar, registrando o dia a dia dos que viveram sob o jugo do AI-5 (HOLLANDA, 2019, p. 115). Desafiando o "silêncio", os poetas marginais inventaram uma produção antiliterária que "brincava" com os padrões da crítica e das instituições canônicas.

3. A TRANSGRESSÃO EDITORIAL DE CAIO GRACO

Com esse novo léxico desburocratizado, Caio Graco concebeu uma editora "sempre preocupada com o novo, o crítico, com a contestação, com a cultura, com as mudanças, quer intervir e acelerar o mundo novo inevitável" (ROLLEMBERG, 2005, p. 12). Para ele, o papel do editor era antes de tudo o de agitador cultural, capaz de multiplicar opiniões. Visão sintetizada pelo novo lema da casa: "Dividir opiniões, multiplicando cultura" (ROLLEMBERG, 2005, p. 75).

Para agitar e transformar a realidade, apostou na demanda por obras capazes de instigar a curiosidade de um público novo, constituído

por jovens universitários de classe média que, segundo o editor Luiz Schwarcz, faziam parte de “uma geração que cresceu durante o regime militar, que não tinha formação política nem formação literária. Não havia lido os clássicos na escola. Era um público novo” (ROLLEMBERG, 2008, p. 4). O papel decisivo na transformação da Brasiliense coube também a Schwarcz, que ingressou na editora em 1978 como estagiário e permaneceu na casa até 1986 (quando era diretor), e se desligou para fundar a sua própria editora, a Companhia das Letras.

No documentário *O último voo: Os anos 80 da Editora Brasiliense*, Schwarcz descreveu Caio Graco como uma pessoa “extremamente inquieta” e que “queria se manter jovem sempre”. Na década de 1980, a editora tinha cerca de 160 funcionários, a maioria na casa dos 20 anos, como conta a chefe do departamento de arte, Sílvia de Regina Massaro, que ingressou na Brasiliense com 21 anos, em 1982, e saiu aos 25: “Éramos todos muito jovens no departamento editorial. Havia uma intenção enorme por parte do Caio Graco em renovar todo o pessoal da Brasiliense, incrementar a linha editorial” (ROLLEMBERG, 2015, p. 81). Além disso, investiu na profissionalização dos processos editoriais da casa e nos de divulgação, tornando a Brasiliense a primeira editora a enviar sistematicamente provas antecipadas dos livros para a imprensa.

Caio Graco e Schwarcz formaram uma dupla que se complementava. Nas palavras de Schwarcz, Caio era o velho com espírito de jovem e ele o jovem com espírito de velho. Partiu de Caio a ideia de relançar a geração *beat* e dele a de relançar os romances policiais *noir*, por exemplo. Em algumas de suas colunas no blog da Companhia das Letras, Schwarcz relembra essa relação e como ela o fundou como editor.

Caio Graco, a partir da coleção *Primeiros Passos*, me ensinou a opinar sem vergonha, intervir de fato — no caso específico do nosso trabalho à época, para que os livros fossem acessíveis e atingissem o leitor jovem, o que era para ele uma verdadeira obsessão. Eu no início me acanhava ao ver o teor das anotações do meu chefe, à margem dos originais, cujas leituras no princípio da coleção cotejávamos. Caio não tinha papas na língua, ou na pena, ao canetar os originais. Eu também ficava encabulado ao presenciar sua desenvoltura nas críticas feitas pessoalmente, quando nos reuníamos com os autores, para discutir um texto. Reconheço em mim tantas qualidades profissionais que devo a ele, entre elas a passionalidade com os livros e com os afazeres editoriais. A paixão marcou o jeito Brasiliense de publicar livros a partir do final da década de setenta. Desde lá se podia notar no Caio o perfil de um leitor que editava como um ativista político, um grande otimista (SCHWARCZ, 2013).

Em diversos relatos, Caio surge como uma figura curiosa e, por vezes, contraditória. Na crônica *O amarelo e o playboy*, o jornalista Eugenio Bucci narra o que pensava do editor na década de 1980. Por um lado, “exalava utopias socialistas”, por outro “não recusava nenhum dos luxos burgueses”. Idolatrava o deputado estadual Eduardo Suplicy e desfilava com um MP Lafer sem capota. Segundo o jornalista que colaborou com a editora, Caio Graco soube, “com intuição e engenho”, “imprimir à Brasiliense uma linha subversiva tanto na esfera da política como no plano dos costumes”. Por ser de esquerda, a editora enfurecia os militares. Por ser libertária, “causava urticária nos comunistas da velha guarda (que não podiam amaldiçoá-la em público)”.

E seu projeto de interferir de fato no mundo foi além dos livros. Inspirado pelas manifestações ocorridas nas Filipinas contra o então

presidente Ferdinand Marcos, Caio lançou a campanha “Use amarelo pelas Diretas!”. Na época, Bucci torceu o nariz e achou que aquilo era “afetação de esquerdista grã-fino”. Mas a ideia de Caio pegou - e virou “uma onda gigantesca”. De acordo com Luiz Caversan, foi o próprio Caio quem levou a proposta para a redação do jornal *Folha de S.Paulo*, que passou a adotar na primeira página uma tarja com o slogan: “Use amarelo pelas diretas já”.

No final da década de 1980, Caio Graco perdeu seu principal editor, Luiz Schwarcz, e se lançou em apostas ousadas que não deram certo, como abrir novas franquias de livrarias. Paulatinamente, a *Brasiliense* foi perdendo sua hegemonia junto ao público jovem para editoras como a LP&M, com um projeto de publicação de literatura *outsider*, e para a *Ática* e *Melhoramentos*, com suas próprias coleções de livros didáticos (ROLLEMBERG, 2005, p. 101). O “feiticeiro” da *Brasiliense* morreu em 1992, aos 65 anos, após um acidente de motocicleta. E a editora, que passou a ser comandada por sua irmã Yolanda Prado, caiu no ostracismo em um mercado editorial que se transformou completamente nos anos 1990.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suas duas fases, as ideias promovidas pela *Brasiliense* dialogaram e fomentaram as transformações da sociedade brasileira em cada período. Na primeira fase, as discussões promovidas por Caio Prado Júnior dialogam com os partidos e intelectuais reunidos em torno do PCB e na reorganização social após novas estruturas do trabalho, consequentes do êxodo rural e da constituição do proletariado urbano (GALUCIO, 2009). Já na segunda, Caio Graco rearticulou os debates em consonância com as mudanças do país após o golpe militar e com

as transformações demográficas do período, a explosão do público jovem universitário e urbano. Em ambos, o catálogo eclético mesclou obras de caráter de formação, sobretudo de ciências sociais, com o espaço para celebrar novos autores brasileiros.

Com tom “desalinhado”, a atuação pessoal e o projeto editorial de Caio Graco misturaram ação política com vontade cultural. Em 1985, a *Brasiliense* chegou ao posto de segunda maior editora brasileira, publicando 550 títulos (entre lançamentos e reedições), com uma tiragem de 2,3 milhões no ano em que a produção total do país foi de 13 mil títulos e 240 milhões de exemplares. Um montante extremamente expressivo para a produção de uma editora assumidamente de esquerda em plena ditadura militar (GALUCIO, 2009, p. 186).

Com suas coleções, Caio propôs a multiplicidade de opiniões e a desmistificação da cultura. Para ele, era preciso romper com a tradição das instituições brasileiras (incluindo o elitismo cultural da academia) em manter as pessoas alheias e sem as informações necessárias para participarem dos debates públicos (GALUCIO, 2009, p. 244). E foi assim que inovadores, rebeldes e questionadores de épocas distintas foram eleitos para disseminar seus aprendizados e aventuras aos jovens brasileiros. Jovens que cresceram depois do AI-5 e que queriam participar e decidir as regras de um possível novo Brasil que se descortinava com a lenta abertura.

Em um grande resgate do passado, o catálogo da *Brasiliense* reforça o entendimento de que muitos desejos e lutas de diversas gerações persistem. Mas entende também que cada época exige mudanças e atualizações. Apostando na proximidade com o cotidiano, no vínculo afetivo, a arma da *Brasiliense* foi a linguagem. Cercada

por uma multidão de jovens, escolheu mitos e heróis a serem celebrados.

Essas estratégias editoriais reverberam a análise de Heloisa Buarque de Hollanda sobre a efervescência histórica do Brasil no momento. Para ela, em períodos de grande animação cultural, “a reflexão, a pesquisa e o espaço para a invenção e para a criação inovadora tornam-se politicamente vitais” (HOLLANDA, 2000, p. 263). Como no papel duplo que cabe ao editor, Caio jogou em duas frentes: apostou no potencial de consumo que reside na juventude e, como intelectual-militante, construiu diversas estratégias para estimular a potencialidade de contestação, de vitalismo, de agremiação e de transformação dessa categoria social. Seu projeto reforça a ideia de que é possível aprender e atualizar as formas de luta conforme os movimentos do passado, mas que cada geração tem suas próprias tarefas e modos de agir.

REFERÊNCIAS

- BUCCI, Eugênio. O amarelo e o playboy. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 abr. 2015. Disponível em <https://opinio.estadao.com.br/noticias/geral,o-amarelo-e-o-playboy-imp-,1670774>. Acesso em 01 dez. 2020.
- CHARTIER. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DOCUMENTÁRIO O ÚLTIMO VOO: Os anos 80 da Editora Brasiliense. Gabriel Darer. 32min. 18 nov. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9S8yeuhNkE4>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- GALÚCIO, Andréa Lemos Xavier. **Civilização Brasileira e Brasiliense: Trajetórias editoriais, empresários e militância política**, 2009. (Doutorado em História Social) — Universidade Federal Fluminense.
- FARIA, Maria Isabel Ribeiro de. **Dicionário do Livro: da Escrita ao Livro Eletrônico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. **70/80 — Cultura em Trânsito**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: Sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: Sua história**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Onde é que eu estou?** Heloisa Buarque de Hollanda 8.0; André Botelho (org). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PAIXÃO, Fernando. **Momentos do Livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PRIMEIRO TOQUE: informativo trimestral da Brasiliense. São Paulo: [Brasiliense, 1982-1986].

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro: 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.

REIMÃO, Sandra. Ditadura militar e censura de livros: Brasil (1964-1985). In BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil**, dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010.

ROLLEMBERG, Marcello Chami. **Um circo de letras: A Editora Brasiliense e as transformações sociais, culturais e políticas do Brasil nos anos 80**, 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

ROLLEMBERG, Marcello Chami. **Um circo de letras: A Editora Brasiliense no contexto sociocultural dos anos 80**. Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

SCHWARCZ, Luiz. **Blog da Companhia das Letras**, 1 nov. 2012. Disponível em <http://historico.blogdacompanhia.com.br/2012/11/maria-emilia-e-marta/>. Acesso em 20 jul. 2017.

SCHWARCZ, Luiz. O elixir da juventude. **Blog da Companhia das Letras**, 22 jul. 2010. Disponível em <http://historico.blogdacompanhia.com.br/2010/07/o-elixir-da-juventude/>. Acesso em 20 jul. 2017.

SCHWARCZ, Luiz. O legado de Caio Graco. **Blog da Companhia das Letras**, 5 dez. 2013. Disponível em <http://historico.blogdacompanhia.com.br/2013/12/o-legado-de-caio-graco/>. Acesso em 25 jul. 2018.

USO DO AMARELO SE INSPIROU EM ATOS DAS FILIPINAS. **Folha de S. Paulo**, 25 jan. 2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/01/1402805-uso-do-amarelo-se-inspirou-em-atos-das-filipinas.shtml>. Acesso em 01 dez. 2020.